

ALDIR: COLORINDO A APM

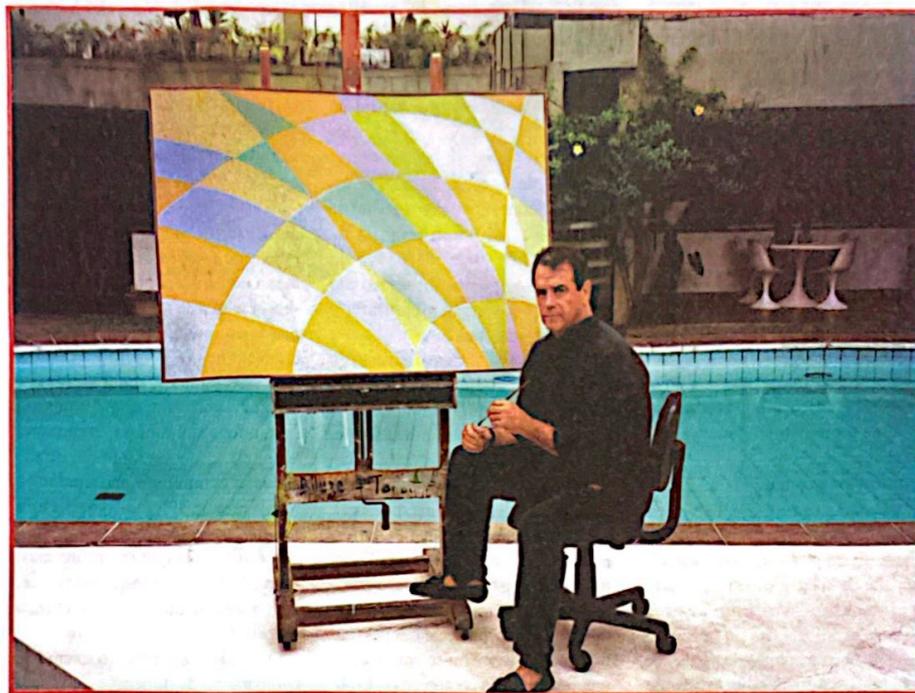
Guido Arturo Palomba

Se o leitor gosta de quadros a óleo terá, neste mês de dezembro, na sede da APM, capital, uma rara oportunidade de conhecer a obra de um dos grandes pintores da atualidade, Aldir Mendes de Souza, cuja mostra foi especialmente organizada para comemorar os setenta anos da fundação da Associação Paulista de Medicina, nascida aos 29 de novembro de 1930.

Os quadros de Aldir precisam ser vistos de perto e à distância, no conjunto e no detalhe, porque é, ao mesmo tempo, uma composição ordenadíssima do concreto, decomposto pela geometria. Como assim, composição-decomposição, perguntará o leitor? Sim, Aldir compõe o todo em pequenos espaços geométricos, a partir do retângulo, que se vão intercalando um a um e formando, em miríades de combinações cromáticas, ora figurações campesinas e urbanas, ora composições abstratas, tudo com rica sensibilidade artística, senso-perceptiva por um lado, e, por outro, absolutamente racional, considerando a fantástica geometrização inteligente.

Se pudéssemos, em uma palavra, ressaltar o que a obra de Aldir tem de excepcional diríamos: a cor, que o coloca, sem dúvida, entre os melhores coloristas do Brasil, de todos os tempos. Interessante notar que quando se lhe perguntam como chegou a esse cromatismo requintado, o artista responde: "Não acredito que alguém seja colorista nato: aprendemos pintando", e então se entende que por trás de tudo tem uma refinada técnica, que vem sendo depurada há quarenta anos, quando, nos anos 60, no início, Aldir começara a pincelar as primeiras telas.

Sua obra é freqüentemente comparada, para fins didáticos, às obras de Alfredo Volpi e Arcângelo Iannelli. O consagrado crítico de artes, Alberto Beuttenmüller, mostra em seu livro "Os três Coloris-



tas: Volpi, Iannelli, Aldir" (1989), que os traços comuns entre eles iniciaram-se pelo figurativo, em busca de imagens-ícones, signos que irão fixar a linguagem das cores: "Volpi, Iannelli e Aldir - diz o crítico - cumpriram caminhos, que se entrecruzaram, ora pelo cromatismo, ora pela geometria, que lhes dá suporte para a cor".

A escritora e crítica de artes Elza Van Stein, na obra "Poetas do Espaço e da Cor" (1997) diz: "Iannelli, Volpi e Aldir perceberam, em épocas diferentes, que o problema central da pintura é a cor".

O italiano Mario Truffelli, crítico de arte, na obra "Aldir, Geometrie Parlanti" (1991) diz com propriedade: "Aldir, esasperata festa di colori, fanno chiara l'intenzione dell'artista, che è quella di creare un rapporto tra sé e gli altri con opere che diventano grandi segnali di libertà, della fantasia,

nell'elegante rigore del disegno". E talvez quem melhor possa ter expressado a beleza cromática da obra de Aldir Mendes de Souza foi a empresária Ana Elizabeth Esteves, cujos reluzentes olhos azuis de precioso tom, ao olhar os quadros de Aldir simplesmente exclamou: "É impressionante, eles coloriram os meus olhos por dentro".

Nesses quarenta anos de pintura o artista ameculhou inúmeros prêmios importantes e participou de várias exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior, com muito sucesso em todos os lugares (Estados Unidos, França, Portugal, Espanha, Itália, México, Cuba). Vale ressaltar que aqui no Brasil expôs na Bienal Internacional de São Paulo, nos anos de 1967, 1969, 1971, 1973, 1977.

Finalmente, já estávamos até esquecendo (pois falar da pintura de Aldir é realmente absorvente),

Aldir Mendes de Souza é um ilustre cirurgião plástico, de família de médicos, formou-se em 1964 na Escola Paulista de Medicina, fez residência em Cirurgia Plástica, na Pinheiros, doutorando-se em 1968, foi chefe da Cirurgia Plástica do Hospital Municipal dos Servidores Públicos, em cujo local lecionou para residentes, formando vários discípulos, hoje mestres da reparadora e da estética nacionais.

Em suma, é possível dizer que Aldir, já com o pincel, já com o bisturi, busca na forma o agradável, ou seja, o belo, na sua acepção mais alta, quase que indescrevível: seria a impressão da unidade que se faz sentir através da diversidade; ou a idéia abstrata formada pela atividade da inteligência depois que a razão foi impressionada pelo sentimento estético; ou seria apenas o resultado de uma combinação feliz? Os quadros de Aldir estimulam essas reflexões.

Guido Arturo Palomba é Diretor Cultural da APM.

Leia:

Cânones da beleza

Irany Novah Moraes
Página 2

Sarah Bernhardt

Carlos da Silva Lacaz
Página 3

Vida, paixão e morte do Umberto I

Vicente Amato Neto
Página 3

Tempo

Sérgio P. Guimarães
Página 4

Natal

Wagner Argento
Página 4

artigos

CÂNONES DA BELEZA

Irany Novah Moraes

Os cânones das proporções harmônicas despertam o encantamento indicativo da beleza. A volúpia de sua busca revela transformação da forma em harmonia e desta, pela emoção, em miragem, aí está a beleza.

Há muitos anos fui professor de anatomia artística na Escola de Belas Artes de São Paulo. Esse privilégio foi por curto período mas tempo suficiente para despertar a constante busca da parcela de beleza contida em tudo que se observa no cotidiano. Essa preocupação acompanhou-me ao longo do tempo e, estou certo, me fez ver a vida com bons olhos.

Sempre achei que encontraria algo de belo colocado pela natureza, nos relevos cutâneos modificados pela postura, movimentos e gestos; bem como na interpretação dos fenômenos, nas relações humanas, na convivência social ou na anatomia que ensinava, que alguns chamam de *anatomia de superfície*, aliás, talvez caiba lembrar Millôr Fernandes quando diz “a beleza é a inteligência que está por fora”. Indago, quem sabe não seja ela, paradoxalmente, a mais profunda por ser dinâmica e pela emoção que traz chegando à alma do modelo vivo! Quanto mais refleti sobre o tema, mais me encantei sobre ele. Acresce ainda minha vida vivida em hospital onde as grandes dificuldades são apresentadas em “reuniões de casos” ou de

“óbitos” em que participam médicos e residentes para discutí-los. Os participantes aprimoram sua cultura científica e refinam seu raciocínio clínico para chegar ao diagnóstico que, às vezes, só é confirmado após necropsia. É comum ouvir-se, ao término da discussão, a exclamação: “que caso bonito!”. A dificuldade do diagnóstico desafiando a competência científica e as reflexões elaboradas revelam o esforço na busca da verdade o que, dentro do infortúnio do paciente, evidencia a beleza da inteligência.

Recentemente precisei definir a altura adequada para colocar um corrimão de escada que permitisse, a uma paciente com a mais forte garra de recuperar-se do traumatismo de coluna e de tornozelo, ampliar os limites de seu ambiente e ter

convalescença amenizada, fora do pesado, monótono e restrito espaço hospitalar. O simples corrimão daria a liberdade de subir e descer as escadas com absoluta segurança não sobrecarregando as articulações em fase inicial de cura. Ouvi a opinião daqueles que, para mim, deveriam saber melhor determinar a altura procurada. Na falta de teoria convincente, parti para o “ensaio e erro”, na terceira tentativa foi achado o ponto ideal, a solução veio a contento. Esse fato levou-me a refletir sobre a importância de se conhecer as “medidas necessárias para o bem estar dos

pacientes em suas próprias casas”. Assim, voltei a estudar a teoria das proporções do corpo humano.

“Tudo que o homem cria é destinado a seu uso pessoal”, afirma E. Neufert e fundamenta tal assertiva de maneira inequívoca o fato de que todas as medidas utilizadas devem estar relacionadas diretamente ao corpo humano. Esse foi o motivo pelo qual, através dos séculos, adotou-se como unidade, os membros, o que abole a necessidade de se estabelecer conceitos e nem mesmo de definição pois, por si próprio, dá uma idéia viva do tamanho, tornando seu entendimento evidente.

Com o advento do sistema métrico, tudo mudou, pois metro é a unidade, fundamental das medidas de extensão ou lineares. É igual à décima milionésima parte do quarto do meridiano terrestre compreendido entre o pólo boreal (do hemisfério norte) e o equador, e equivale a quatro palmos, quatro polegadas e quatro linhas pelo antigo sistema. Ganhou-se em precisão mas perdeu-se na compreensão explícita da evidência. As necessidades pessoais, os hábitos individuais, coletivos, familiares modificaram-se com o decorrer dos tempos. A utilização dos ambientes inclui entre os fatores de sua variação também o emocional que o espaço cria em quem o ocupa.

Retomando ao caso apresentado no início deste artigo, imagino a emoção que sentiu a paciente ao deixar as quatro paredes onde, imobilizada na horizontal por dois meses, só enxergava o teto do quarto da UTI. Ao sentar-se, viu a vida ativa de seu lar num raio de mais de meia centena de metros usufruindo o privilégio de participar do cotidiano. Lembrou-me do brilho em seus olhos quando proferiu a exclamação: “como é belo o mundo visto na horizontal”.

A preocupação de se conhecer as dimensões dos espaços e objetos que integram a necessidade do homem para viver o dia a dia, qualquer que seja sua atividade, faz parte da formação do arquiteto mas ele não pode esquecer que o homem fica doente, suas necessidades modificam-se e ele deve permanecer em sua casa evitando atravancá-la com cama hospitalar que raramente são necessárias e geralmente não ajudam a resolver o problema. Arquitetura hospitalar é outra especialidade e não é sobre ela que me refiro mas, ao conforto e segurança da criança, do homem doente e do idoso em seu próprio lar.

O estudo desse assunto iniciou-se comparando as dimensões dos segmentos com o próprio corpo humano. Assim apareceram os cânones, cujo princípio é dividir a dimensão do corpo humano pelo tamanho da cabeça, da face, do membro ou do pé e compará-los entre si. O mais antigo cânão de proporções humanas

tem mais de cinco mil anos e a história conta que teria sido encontrado num túmulo das pirâmides de Mênfis (capital do antigo Egito, no delta do Nilo). Nesse longo período, artistas e cientistas interessaram-se pelo estudo das relações entre as medidas do corpo humano e de seus segmentos. Entre os muitos cânones conhecidos convém lembrar os do império faraônico, da época de Ptolomeu, o dos gregos, dos romanos e o de Policleto. Não se pode esquecer os trabalhos de Leonardo da Vinci, de Miguel Ângelo e na idade média principalmente de Dürer. Sua importância foi grande, no século passado com trabalhos de Zeising preocupando-se em encontrar proporções ideais, mas foi E. Moessel que teve o grande mérito de divulgá-las. Entretanto, foi Le Corbusier que, em 1945, utilizou em seus projetos o cânão baseado na divisão harmônica chamando-o de “Le Modulor”.

Todas essas reflexões foram elaboradas à procura do conjunto harmônico ideal que poderá ser chamado de Cânão da Beleza. Há, porém, que se considerar nesse contexto a emoção que ocorre ao se ver a forma em seu conjunto das proporções harmônicas transformar-se em miragem e esta revelando a beleza da vida.

Irany Novah Moraes, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1983-1985)

O mais antigo cânão de proporções humanas tem cinco mil anos

Sociedade de Medicina e Cirurgia e sua transformação na Academia de Medicina

Mário Ramos de Oliveira

A direção da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo tinha Presidente e Vice-Presidente; tinha Secretário do Presidente e o Secretário Geral. Para o seu funcionamento, tinha um funcionário, o Sr. Trajano, que levava as determinações de um elemento a outro da Diretoria, e praticamente era o Trajano que sugeria resoluções. Presidente e Vice-Presidente eram eleitos juntos e ambos dependiam das informações de Tra-

jano. Ao se refazer os Estatutos da, agora, Academia de Medicina de São Paulo, Eurico Branco Ribeiro (Presidente em 1953-1955) e Mário Ramos lembraram que o Colégio Americano de Cirurgiões - entidade de grande prestígio internacional - não tinha Vice-Presidente, mas tinha o cargo de Presidente-Eleito. Procurando as razões, Eurico e Mário Ramos descobriram que este Presidente-Eleito era a figura de elemento que comparecia às reuniões da Diretoria e acompanhava os trabalhos da Di-

retoria efetiva (sem direito a voto). Tudo ocorria para que, quando o “Eleito” assumisse suas funções, já estivesse familiarizado com os problemas vigentes, e a continuidade era efetiva. O “Vice-Presidente” só tinha função de substituir o Presidente mas estava ausente dos problemas vigentes.

Nos Estatutos da Academia houve algumas alterações: o cargo de

Vice-Presidente foi substituído pelo de Presidente-Eleito e, o de “Secretário do Presidente” para Secretário Adjunto sendo o substituto do Secretário Geral. A funcionalidade depois dessas modificações ficou mais fácil, mais efetiva, mostrando que o Colégio Americano dos Cirurgiões,

pela sua longa experiência, tinha razão em compor a sua Diretoria com os cargos assinalados.

Ao tomar conhecimento do desejo da atual Diretoria em retornar ao passado com o “Vice-Presidente” tudo voltaria às condições anteriores.

Não há mais o Sr. Trajano que ia e vinha ajustando resoluções... Por isso, os fatos devem ser recordados pois a mudança foi considerada satisfatória na sua vigência.

Mário Ramos de Oliveira é professor e Presidente da Academia de Medicina de São Paulo 1957-1959)

“Não há mais o sr. Trajano que ia e vinha ajustando resoluções”

artigos

Sarah Bernhardt, cliente do professor João Alves de Lima

Carlos da Silva Lacaz

Sarah Bernhardt (1844-1923), a famosa atriz francesa esteve no Brasil por duas vezes. Nenhuma mulher, na história da França e poucos homens inspiraram uma torrente tão espontânea de sentimentos e uma demonstração tão universal de amor, refere um de seus biógrafos.

Por isso ela foi chamada de "A divina Sarah", a mais notável atriz de toda a história do teatro universal.

Algumas peças representadas por Sarah Bernhardt tomaram-se, mais tarde, óperas famosas, como Joana D' Arc, Adriana Lecouvreur, Fedora, Mcbeth e a famosa A Tosca, esta última em três atos, de Giacomo Puccini, com base no trabalho de Victoriano Sardou.

A 27 de maio de 1886 Sarah Bernhardt chegava ao Rio de Janeiro, no Cotopaxé. Era uma quinta-feira. Reclamou do calor, mas ficou encantada com a recepção no cais do porto e, mais ainda quando os estudantes desatrelaram os animais de sua caruagem, fazendo questão de tomar o lugar dos cavalos, puxando o veículo através do cais. Tudo isto nos refere Jô Soares em seu romance "O Xangô de Baker Street" (São Paulo, Companhia das Letras, 1995). O Imperador Pedro II assistiu a todas as apresentações de Sarah Bernhardt, no Imperial Teatro de São Paulo de Alcântara. Fedora, de Victoriano Sardou, tinha sido a peça de estréia. Seguiu-se "A Dama das Camélias", de Alexandre Dumas Filho.

Em 1905 retornou ao Brasil. Ela já tinha um problema no joelho direito que muito a incomodava. Nunca se soube a natureza exata do processo. Talvez, osteomielite. Foi ela, em 1915, em Paris, que solicitou a seu médico e amigo Dr. Samuel Pozzi (Docteur Dieu, como ela o chamava) a amputação de sua perna direita, praticada por Denucé, com anestesia pelo éter. E assim mesmo, ela representou para os soldados franceses, durante a Primeira Guerra, em 1918. Sarah Bernhardt foi, também, pintora e escultora, falecendo em Paris a 26 de março de 1923, tendo escrito antes sua biografia (1907). En-



Sarah Bernhardt, atriz francesa



João Alves de Lima

terrada no cemitério Père Lachaise, na capital francesa.

A 9 de outubro de 1905, representando a peça "A Tosca", no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, machucou-se ao representar o último ato, agravando seu "problema" no joelho direito. Vindo para São Paulo, representou no Politeama várias peças. O Prof. Almeida Prado refere ter assistido a peça Adriane Lecouvreur, mais tarde transformada em ópera. Na referida peça, altamente dramática, a heroína, na última cena, morre envenenada. É possível que, nesta ocasião, Sarah Bernhardt tenha procurado o prof. João Alves de Lima (1872-1934) para uma consulta.

Alves de Lima era diplomado pela Faculdade de Medicina de Paris e trabalhou na Santa Casa de Misericórdia. Foi professor de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina, deixando como seu sucessor, na cátedra, seu antigo discípulo, o Prof. Alípio Corrêa Netto que, sobre o mestre, escreveu em 1969 alentado volume, prefaciado pelo Prof. Pedro de Alcântara.

Alves de Lima gozava de grande prestígio em São Paulo, mantendo consultório em sua residência, à rua São Luiz. Ai existia pequena enfermaria, onde chegou a operar seu filho Marcus, meu queridíssimo colega de turma, de apendicite aguda, com anestesia praticada pelo Prof. Benedito Montenegro, recém-chegado dos Estados Unidos. Não se tem idéia da conduta terapêutica segui-

da por Alves de Lima e se, alguma radiografia do joelho da Sarah Bernhardt foi tirada. Nesta época, Walter Seng (1873-1932) possuía um aparelho de Rx em seu consultório, à rua Barão de Itapetininga.

Sarah Bernhardt enviara ao prof. Alves de Lima, um retrato seu, em bela moldura de bronze, com pedrarias e amável dedicatória. Cópia deste retrato eu a obtive do Dr. Marcus Raphael Alves de Lima, filho do eminente mestre e que hoje se encontra no Museu Histórico da Faculdade de Medicina. No livro de memórias de dona Heloisa Alves de Lima Motta, escrito em 1992, filha do prof. Alves de Lima, há referência a este episódio.

Alves de Lima, quando faleceu, em 1934, em São Paulo era Diretor clínico do Sanatório Santa Catarina. Cirurgião dos mais hábeis, cercado de larga estima pública, cumpridor de seus deveres, diplomou-se em 1897 em Paris, com diploma que lhe dera a Faculdade de Medicina para exercer a profissão na França. Fundou em São Paulo, "A Gazeta Clínica".

Com este pequeno trabalho quis apenas relatar um fato histórico que se passou em São Paulo, nos idos de 1905, com este mito famoso que se chamou Sarah Bernhardt, mulher das mais combatentes que se conheceu no teatro universal, "alta, bela, esguia, ruiva e de olhos azuis" e o não menos famoso cirurgião paulista, nascido em Piracicaba, o Prof. João Alves de Lima, ambos de saudosa memória.

Carlos da Silva Lacaz, professor emérito da Faculdade de Medicina da USP e Presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina

Vida, paixão e morte do Hospital Umberto I

Vicente Amato Neto

Convidado para efetuar palestra sobre "A influência italiana na Infectologia brasileira", na "Exposição Médicos Italianos em São Paulo" (São Paulo, 4 de agosto a 24 de setembro de 2000), procurei recordar, através de leituras e depoimentos, fatos relacionados com a participação de italianos na implantação, consolidação e progresso, envolvendo assistência, ensino ou pesquisa, da boa Medicina exercida no Brasil. Nesse contexto está o saudoso "Hospital Umberto I", que através de beneméritos realizações assistenciais que empreendeu e da competência, com abnegação, dos profissionais que nele atuaram constituiu expressivo alicerce para o desenvolvimento da arte médica por aqui, impondo-se de destacar que tal elogiável influência ocorreu mesmo sem a disponibilidade de avanços tecnológicos.

É justo, com emoção, lembrar a "Societá Italiana di Beneficenza in San Paolo", que deu origem ao "Ospedale Italiano Umberto I", e a precursora revista "Atti di Ars Medica", paulatinamente, a instituição foi-se ampliando, com o acoplamento da "Casa de Saúde Conde Francisco Matarazzo", "Casa de Saúde Ermelino Matarazzo", "Clínica Pediátrica Amélia De Camillis", "Pavilhão Vitorio Emanuele III" e "Maternidade Condessa Filomena Matarazzo". Também, sobretudo para destacar a qualidade do primeiro Corpo Clínico, convém citar os membros que o compuseram: Alfonso Splendore, Carlo Giulio Spera, Celestino Bourroul, Felice Buscaglia, Giacomo Defiene, Giovanni Priori, Giovanni Sodini, Giuseppe Cioffi, Oscar Branti e Ovidio Pires de Campos.

Idealismo, colaborações, desígnio altruísta, aguerrimento e qualidade representaram a índole dos pioneiros e de seus seguidores.

Apesar de não ter sido imposição isolada, pois atingiu vergonhosamente outras entidades italo-brasileiras, a "Societá" precisou alterar sua denominação para "Sociedade de Beneficência em São Paulo, Hospital Nossa Senhora Aparecida e Casas de Saúde Matarazzo". Afigurou-se lamentável e grotesca essa determinação consumada em fase nada democrática vigente no país.

Depois dessa rememoração de acontecimentos românticos, friso que sucedeu bela etapa plena de lutas atividades, compo do que é correto qualificar como vida. Contudo, infelizmente seguiu-se o período rotulável como paixão, motivado por diversos fatores destrutivos, entre os quais conheço a ação maléfica político-partidária de muitos funcionários, atos de corrupção cometidos por alguns dirigentes, a má atuação da Fundação criada para gerir a estrutura inclusive pelo desca-so demonstrado por vários de seus

componentes e o desinteresse da remanescentes da magnânimos líderes da família Matarazzo.

Quando Presidente da Sociedade Médica Italo-Brasileira e Secretário de Estado da Saúde, de São Paulo, tentei adotar atitudes talvez aptas a reativar as atividades do Hospital. Conteí com o apoio de poucas pessoas e de determinadas Associações relacionadas com italianos ou dependentes, emocionalmente desejosos de recuperar o prestígio do núcleo tão querido. Quase aconteceu um início de sucesso, mas as barreiras existentes eram dificilmente demovíveis. Por exemplo, pôde ser mudada a composição dos diretores da Fundação e obtida razoável ajuda financeira por parte do Governo do Estado.

Fui demitido do cargo de Secretário por contrapor-me a circunstâncias desprimorosas que detectei. Logo após, o Governo, comodamente, por intermédio da Vigilância Sanitária, fez cessar as atividades do setor, alegando a insuficiência de condições operacionais. Sobreveio, então, a morte. Na verdade, pretendi livrar-se de um problema ao invés de solucioná-lo.

Persiste o inconformismo pela inexistência de pujante organização beneficente, em São Paulo, conectada com hospital, para cooperar com a colônia italiana, prestando sobretudo solidariedade a imigrantes e descendentes necessitados. Comparação com o que fizeram alemães, japoneses, judeus e portugueses é habitual. Entretanto, conforme já constatei, não é unânime a vontade de empresários e ricos no sentido de procurar corrigir a falha. Igualmente, afigura-se inconcebível a postura do Consulado e da Embaixada, que na verdade configuram meros escritórios burocráticos. Ainda mais, Associações são muito passivas, o Circulo Italiano cuida quase só de eventos sem apropriadas conotações sociais e a Sociedade Médica Italo-Brasileira agora praticamente preocupa-se com miudezas.

A desagradável situação merece correção. Almejo que ela aconteça, originada de fonte criativa.

Passei a gostar da Itália e de italianos influenciado pelas figuras de meus avós. Preocupo-me com questões como a neste momento abordada em grande parte como homenagem a eles. Afinal, quando Deus criou o mundo desejou que um pedaço dele tivesse enorme quantidade de atributos e, assim: "Tutto questo volle Dio... ed ecco que sorse l'Italia, l'Italia bella, l'Italia nostra".

Vicente Amato Neto é médico e professor universitário

poesias

Um olhar ao passado

ALBERTO ADDE

Manhã! Do dia os primeiros alvares.

Do sono ainda mal desperta,
A minha alma então liberta,
Vai buscar bem lá do fundo,
De lembranças, imenso mundo.

Saudades de tempos passados,
Saudades de seres amados.

Junto a dúvida cruel,
Com gosto amargo de fel.
Que fiz durante o viver,
Lutar, e da morte perder?

Responde meu coração:
Fizestes o que devias fazer,
Com força a vida viver.

Na estrada do teu passado,
Deixastes todo bem que podias.
Deixastes um grande legado,
De amor enchestes teus dias.

Tempo

SÉRGIO P. GUIMARÃES

Tempo tem que tudo é temeroso.
Tempo que a tarântula a teia tece.
Tempo, talvez, um tanto tenebroso,
Tempo, também, que tudo transparece.

Tempo tem que é tempo de tentar
Teecer a tela de tamanho tal,
Que tudo e todos tenham que trocar
Tristeza, tédio, por trêfego trigal

Tirar da testa o tenaz tormento,
Toda tragédia do túbio testamento,
Travar a tecla da tácita tortura,

Tocando a toada tênue do tear,
Tangendo a tortuosa trilha e então tomar
Trazer ao tálamo o toque da temura.

Dia de Chuva

PAULO FRALETTI

Tamborila na vidraça
A chuva que há muito insiste
Em chover... chove, e não passa...
E eu vou ficando mais triste,

Inda mais com este frio
Que me põe encapotado,
Sentindo-me como um fio
Fininho, a inspirar cuidado!

E chove... e faz frio... e venta...
Obrigam-me a estar em casa.
Tempo assim ninguém aguenta!

Dá preguiça e muito sono,
- Que nem os vence o que abraça:
Pensar no amor e no outono!

NATAL

WALTER ARGENTO

Que místico poder tem o Natal!
e a força poderosa que ele encerra!
transmuta o desamor, suprime a guerra,
e se transforma em dom fundamental!

Milagres do Natal! Como uma prece,
renascem mil valores esquecidos;
homens de corações empedernidos,
retornam à brandura que enternece!

Há lágrimas nos olhos de esperança,
de tantos seres, fartos da miséria;
curtem a dor, na alma e na matéria,
desejam paz, que no Natal se alcança.

Natal é oração de dois mil anos,
lembrança de Jesus na estrebaria,
o encantamento de sua mãe Maria,
refúgio e lenitivo aos desenganos.

Natal é paz em todas as agruras,
é alento, abrigo, apoio e calma.
O ser humano acolhe, nesse dia,
o inebriante sopro das alturas.

Natal dos sonhos! Fonte de alegrias,
paz absoluta ao homem edificante!
sempre Natal, natal a todo instante,
bom fosse Natal todos os dias!

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:

Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Duílio Crispim Farina
(presidente)
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira

Cinemateca:

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina

Jorge Michalany